

CONTRATOS DE PROFESSORES DEVEM SOFRER NOVO ARROCHO

A categoria precisa estar alerta ao que vai ser aprovado no GT da Fundasp

Após quatro reuniões, as discussões realizadas no Grupo de Trabalho nomeado pela Fundasp para estudar a proposta dos novos contratos de trabalho dos professores da PUC-SP, com previsão de entrar em vigor já em 2015, sinalizam uma situação nada alentadora para a maioria dos professores. O que está sendo pensado e debatido obedece à lógica de que a Universidade precisa urgentemente reduzir seus custos, a começar da folha de salários dos professores.

Para colocar a folha no patamar que a Fundasp quer, será preciso não apenas reduzir o número de professores (aposentadoria compulsória, demissões e PDV), mas também comprimir ainda mais os contratos “maximizados” em 2006, quando foram abolidas as regras da resolução 65/78, e os contratos passaram a ser montados pelos créditos máximos das várias faixas, sem levar em consideração o número de turmas, de programas e de alunos de cada professor.

Depois daquela “maximização”, que deveria durar um ano e acabou eternizada, sobrecarregando os professores com mais trabalho sem o correspondente aumento da remuneração, foram adotadas outras medidas para tornar ainda mais comprimidos os contratos dos professores, com a redução de horas-pesquisa e de horas-atividades, cortes e junção de turmas e aumento de orientandos por professor-orientador etc.

Agora, além de outros encargos na composição dos contratos, está em estudo o estabelecimento de novos elementos de diferenciação nos direitos e deveres do quadro docente, com a im-

posição de contratos de professor-pesquisador para uma minoria e de professor-aulista para a grande maioria. Assim, além dos quadros diferenciados de salários já existentes, seriam criadas novas categorias de professores: os que serão dotados de plenos direitos, podendo compor seus contratos com aulas, pesquisas e horas administrativas, e os demais, com direitos reduzidos a contratos apenas com créditos de aulas.

Na verdade, essa solução “acadêmica” atende perfeitamente a situação econômica da PUC-SP, pois seria uma forma de manter os salários de auxiliar de ensino (mais baixos) para cerca de 470 professores “represados” há vários anos e impedidos de receber salários conforme a sua titulação de mestre ou doutor. A adoção formal dessa “casta” privilegiada contempla os interesses dos grupos que controlam a gestão da Universidade e atende uma exigência da Fundasp – de que a adoção do novo contrato represente redução real na folha de salários dos professores.

Tudo está a indicar que a situação dos professores da PUC-SP tende a uma degradação ainda maior das condições de trabalho e dos salários já em 2015, com reflexos diretos na qualidade do ensino e da pesquisa oferecidos pela Universidade. A não ser que a mobilização da categoria consiga impedir o novo arrocho contratual. O momento exige muita atenção, união e ação dos professores.

Diretoria da Apropuc

CEPE discute avaliação docente e alterações no quadro de professores

O Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe) prosseguiu na quarta-feira, 3/9, as discussões sobre a avaliação dos professores e pesquisas realizadas pelos docentes. Após abertura da reunião pela pró-reitora de Pós-graduação e presidenta do conselho, Prof^a Maria Amália Andery, explicando a atual situação da avaliação docente e colocando a necessidade de refletir sobre as mudanças no contrato docente. A professora colocou também que os alunos e pro-

fessores não respondem às pesquisas da Comissão Própria de Avaliação, o que interfere em como a administração da universidade e o departamento lidam com os professores internamente. "O professor precisa ter opção de participação nos grupos de pesquisa. Precisamos fazer alterações para auxiliar os que querem participar da carreira acadêmica" colocou a professora. Representantes das faculdades de Direito, Fafcla, FEA, Fachs, entre outras fizeram repasses das discus-

sões que tiveram em seus departamentos. Um dos pontos em discussão foi a padronização do preenchimento do Currículo Lattes, já que os critérios para completar o currículo não são claros - os professores acabam por escrever atividades semelhantes em espaços diferentes, dificultando o entendimento. "O papel do Cepe é ter a avaliação completa dos professores e apontar os problemas concretos para solucioná-los. Se o professor tem proble-

mas na avaliação, isso deve ter consequências. O departamento vai preferir o professor bem avaliado ou mal avaliado? Qual deve ter o contrato maior? Os departamentos precisam decidir essas questões" apontou Maria Amália. O Cepe determinou que até a próxima reunião, dia 17/10, as faculdades precisam entregar avaliações seguindo critérios postos pelo conselho, e na reunião de novembro a avaliação será novamente rediscutida pelos diretores.

Faculdades começam a debater possíveis mudanças no contrato de trabalho docente

Os professores da Faculdade de Ciências Sociais realizaram na semana passada uma reunião de Conselho de Faculdade aberta para aprofundar as discussões sobre as possíveis mudanças no contrato de trabalho docente. A professora Beatriz Abramides, do Serviço Social, apresentou um relato sobre as discussões do Grupo de Trabalho sobre contrato docente, no qual a APROPUC participa como observadora.

Os professores de Ciências Sociais decidiram elaborar um documento onde reafirmarão as reivindicações básicas que têm pautado as posições docentes relatadas nas reuniões de informação da APROPUC, ou seja, vinculação da pesquisa ao contrato, fim da maximização, condições de

trabalho docente adequadas. O documento deverá retomar a discussão da qual seria o modelo de universidade ideal para os docentes da universidade.

AVALIAÇÃO

Outro ponto que vem inquietando os docentes são os resultados da avaliação docente que está sendo desenvolvida pelo Comitê Assessor do Cepe (Cacepe). De uma maneira geral tem-se levantado nas reuniões da APROPUC que o rigor desenvolvido pela Comissão serviria unicamente para determinar parâmetros para uma possível demissão de docentes que não cumpram as exigências do Cepe. De fato, essa ideia já foi expressa por dirigentes da universidade nas reuniões de contrato de trabalho.

Na reunião aberta da Faculdade de Ciências Sociais levantaram-se questionamentos pontuais, tais como a ausência de um entendimento mais claro sobre, por exemplo, o que são os chamados estudos individuais. Assim, vários docentes são questionados por não cumprirem o item estudos individuais, quando outros, com a mesma

produção são isentos.

Outro ponto de questionamento refere-se à competência exclusiva do Cacepe para a avaliação docente, quando, em tese, o departamento seria a instância mais adequada para tal procedimento.

A Faculdade de Ciências Sociais realizará nova reunião nos próximos dias para prosseguimento da discussão.

PUCViva

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Editor: Valdir Mengardo

Reportagem: Marcela Reis, Marina D'Aquino e Anna Gabriela Coelho

Fotografia: Marina D'Aquino

Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração: Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

Conselho Editorial: Maria Beatriz Abramides, João B. Teixeira, Hamilton Octavio de Souza e Victoria C. Weischtordt

Apropuc: Rua Bartira 407 – CEP: 05009-000 – Fone: 3872-2685.

Afapuc: João Ramalho 182, 7º andar – Fone: 3670-3391.

PUCViva: 3670-3391 – **Correio Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.com.br – **PUCViva na Internet:** www.apropucsp.org.br

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

Evento manifesta solidariedade à causa Palestina

No ano de 2013 a Organização das Nações Unidas (ONU) adotou uma resolução segundo a qual 2014 seria considerado o ano de solidariedade ao povo palestino. Nesse sentido, várias entidades de defesa dos direitos humanos e personalidades acadêmicas em escala mundial assumiram o compromisso de organizarem atividades com o objetivo de viabilizar a resolução da ONU. Em consonância com essa proposta a APROPUC e a Revista Luta de Classes colocaram-se a disposição para organizarem um evento - a princípio na USP e na PUC-SP - com a presença de intelectuais e lideranças de entidades que historicamente adotam uma postura solidária com a causa palestina.

Nesse sentido a APROPUC, juntamente com uma série de entidades e núcleos de estudos, que apoiam e organizam o evento, estabeleceu as datas de 16 e 17/9 para realizar na PUC-SP debates e atos políticos em torno do assunto.

É importante destacar que em face da última ofensiva das forças armadas israelenses contra a população civil de Gaza o evento assumiu um caráter ainda mais relevante, isto é, tornou-se imperiosa a necessidade de todas as entidades e personalidades manifestarem publicamente sua solidariedade à causa emancipatória do povo palestino e rechaçar veementemente a barbárie perpetrada pelo Estado sionista de Israel, como também, a política imperialismo estadunidense e a cumplicidade da União Europeia e da burguesia árabe.

Palestina Imperialismo e Internacionalismo

Ato debate

DIAS 16 E 17/9, AUDITÓRIO 333 DA PUC-SP, ÀS 19H.

Mesa: Dia 16/9, "Imperialismo e Revolução".

Debatedores: Prof Dr. Lucio Flavio de Almeida (Dep. de Política e Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais PUC-SP); Prof. Dra. Virgínia Fontes (UFF - Pós História); Simone Ishibashi (Revista Luta de Classes); Prof. Dr. Erson Martins de Oliveira (Ex Prof. da PUC-SP/POR).

Coordenação: Amarildo Vieira (UFF)

Ato: Dia 17/9, "Internacionalismo e Resistência".

MST; Fábio Bosco (Conlutas); Movimento Nossa Classe; Murilo Magalhães (Comitê Contra a Criminalização dos Movimentos Sociais); Jason Borba (APROPUC); Padre Júlio Lancellotti (Pastoral de Rua da Arquidiocese de São Paulo); Aldo Sauda (correspondente internacional na Palestina); Prof. Dr. José Arbex (Departamento de Jornalismo PUC-SP), Soraya Misleh (Movimento Palestina para Todos), André Augusto Acier (Revista Luta de Classes)

Coordenação: Prof. Dra. Bia Abramides (APROPUC/NEAM)

Organização: APROPUC e Revista Luta de Classes

Apoio: NEILS - Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais; Comitê Contra a Criminalização dos Movimentos Sociais; NEAM - Núcleo de Estudos e Pesquisas de Aprofundamentos Marxistas - Pós-Serviço Social; GECOPOL - Núcleo de Economia Política da PUC (Pós Economia); Espaço Marx de São Paulo; NACI - Núcleo de Análise de Conjuntura Internacional (Pós Economia-PUC); Revista Lutas Sociais.

Serão fornecidos certificados a todos os participantes



Ilustração Latuff

Comitê manifesta apoio à greve da USP

O Comitê Contra a Criminalização dos Movimentos Sociais manifesta total apoio e solidariedade à luta dos funcionários, professores e estudantes da USP, que estão construindo a greve mais longa que essa universidade já passou.

Defendemos o direito de greve dos três setores e denunciaremos em conjunto com os grevistas a truculência com que o reitor Zago e o Governo do Estado têm reprimido as

mobilizações com o uso de ações violentas da Polícia Militar.

Também repudiamos a atitude intransigente de cortar o ponto dos trabalhadores que lutam por seus direitos. Colocamos ao lado dos lutadores da USP, em defesa de um ensino público e de qualidade.

Lutar não é crime! Greve é um direito! Dizemos não ao corte de pontos!

Pelo fim da polícia mi-

litar! Chega de violência! Chega de criminalização!

APROPUC - Associação dos Professores da PUC-SP; Centro Acadêmico 22 de Agosto (Direito PUC-SP); Centro Acadêmico Benevides Paixão (Jornalismo PUC-SP); Centro Acadêmico Clarice Lispector (Letras PUC-SP); Centro Acadêmico Psicologia da PUC-SP; Centro Acadêmico de Ciências Sociais e História PUC-SP; Centro Acadêmico Ba-

rão do Rio Branco Relações Internacionais PUC-SP; DCE-Livre da USP; CALC - Centro Acadêmico Lupe Cotrim ECA - USP; APEO-ESP - Subsede de Santo André; Construção Coletiva; UNA - Uma Nova Atitude; ANEL - Assembleia Nacional de Estudantes - Livre; RUA - Juventude Anticapitalista; Coletivo Estopim; Movimento Professores Pela Base; Tribunal Popular; Espaço Socialista; PSOL; PSTU.

Nota de repúdio à prisão de Rafael Braga

O Comitê Contra a Criminalização dos Movimentos Sociais, em reunião na quinta, 28/8, repudiou veementemente a decisão do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro nesta terça (26) de manter preso Rafael Braga Vieira, que já completa mais de um ano e dois meses no presídio de Bangu desde que foi detido durante as Jornadas de Junho, mesmo não fazendo parte da manifestação e portando apenas produtos de limpeza, como "Pinho Sol" (tidos como "explosivos" pela PM).

No dia 20/6/2013, um dos mais emblemáticos dias de manifestações no Rio de Janeiro, um jovem negro, morador das ruas, catador de materiais recicláveis, foi preso pela polícia, acusado de portar material para produção de explosivo (coquetel molotov), a ser usado nas manifestações, contra a polícia e prédios públicos, causando a maior destruição possível. Mas o material em questão era uma garrafa plástica contendo desin-

fetante e outra contendo água sanitária. Rafael Braga Vieira não tinha nenhuma relação com os manifestantes ou posicionamento ideológico, é semi-analfabeto e mal sabia o nome do governador ou do prefeito.

A Justiça do Rio decidiu na tarde de terça-feira, 26/8, que Rafael continuará preso. Segundo o TJ, a 3ª Câmara Criminal do Tribunal de Justiça do Rio (TJRJ) Rafael não tem a possibilidade de recorrer em liberdade. Os desembargadores acolheram parcialmente o recurso (apelação) apresentado pela defesa do réu, que havia sido sentenciado a cinco anos pela 32ª Vara Criminal da Capital. O relator foi o desembargador Carlos Eduardo Roboredo.

O laudo técnico utilizado na sentença, no entanto, praticamente extingue a possibilidade dos objetos encontrados com ele serem utilizados como explosivos. Se lançadas, diz o texto, as garrafas teriam "ínfima possibilidade de funcionar

como 'coquetel molotov'". Rafael, que é catador de latinhas, foi detido com dois frascos de plástico. Ambos teriam flanelas nas pontas para servir como pavio, de acordo com os policiais responsáveis por deter Rafael.

A prisão de Rafael é um flagrante caso de violação de direitos e do recorte seletivo da polícia do Rio, que ao mandar um recado aos manifestantes, escolhem fazê-lo punindo um

pobre, negro e cidadão em situação de rua. Condenado a cinco anos em regime fechado, o jovem agora compõe a massa dos 548 mil detentos do desumano sistema penitenciário brasileiro sem nunca ter tido qualquer antecedente violento ou relação com o chamado crime organizado.

Exigimos a imediata liberdade de Rafael Braga! Lutar não é crime!

**FORTALEÇA A LUTA DOS PROFESSORES
ASSOCIE-SE À APROPUC**

*Basta entrar no site www.apropucsp.org.br,
escrever para apropuc@uol.com.br, telefonar
para 11 3872-2685 ou inscrever-se na
sede da entidade, à Rua Bartira 407*

Defenda seus direitos

GAUCHE NA VIDA

A bomba de Hiroshima em Gaza

Urariano Mota

Há um tempo em que a poesia parece um luxo, uma alienação, um traste inútil, uma ocupação desonrosa, de fazer vergonha ao poeta, que se vê acovardado no meio do mundo. É um tempo em que a pornografia migrou da pedofilia, dos abusos e animalidade. Porque em Gaza hoje, na guerra e no desprezo à pessoa humana, se faz melhor, mais eloquente pornografia.

Aquela informação acadêmica que nos chegava do filósofo Adorno, de 1951, quando ele escreveu: "Escrever poesia depois de Auschwitz é bárbaro. E isso corrói até mesmo o conhecimento de por que se tornou impossível escrever poesia hoje", essa frase do filósofo alemão, que expressava o desacordo de razão e sentimento diante do horror, foi nesses dias atualizada.

Na quarta-feira 6/8, enquanto se dava um cessar-fogo precário, um intervalo dos palestinos pelo Estado de Israel, o mundo também lembrava os 69 anos da explosão da bomba atômica em Hiroshima. Mas que coincidência, poderíamos dizer, se na história houvesse coincidências.

Em 2003, escrevi "A Rosa da Palestina", e naquela ocasião eu esperava que a poesia fosse uma defesa contra a barbárie. Aqui vai o texto, que re-

lacionava a bomba atômica e o massacre em Gaza.

ROSA DA PALESTINA

Um poema de Vinícius ordena, suplica que "Pensem nas crianças mudas telepáticas. Pensem nas meninas cegas inexatas. Pensem nas mulheres rotas alteradas. Pensem nas feridas como rosas cálidas...". É esse poema, "A Rosa de Hiroxima", é essa talha em versos que ordena, que resiste e insiste em nossa memória, quando vemos a foto de Somaeah Hassan, de 6 anos, abatida na faixa de Gaza. Essa flor fuzilada, entre gazes, olhinhos semicerrados, é a própria Rosa da Palestina. Contenhamos a velocidade da mão, refreemos a velocidade da escrita, represemos o fluxo da leitura.

Pedimos uma pausa no caleidoscópio, nas luzes fugazes, frívolas, vulgares do incessante ir e vir do noticiário de todos os dias. Somaeah Hassan está morta. Calma, bulldogues, fechem suas bocas, canos quentes de balas, suspendam a digitação, noticiaristas, segurem por um instante a divulgação do mais quente e recente escândalo já está feito: Somaeah Hassan está morta. Na foto, seus olhinhos se negam a compreender o horror das balas que a levantaram do chão de refugia-

dos de Rafah. Negaram-se é maneira de dizer. São incapazes, nos seus 6 anos. Mais tempo houvesse, mais vida, outra vida tivesse, Somaeah compreenderia e se negaria a compreender o horror maior do seu povo cercado como cães raivosos. E a raiva, em cães, se abate. Mas a raiva, em gente feito cão, não se abate - apenas cresce, quando a crianças como Hassan abatem.

Refreemos a mão. É difícil. Mas tentemos.

Era bom, assim pede a paz que nosso peito deseja, era bom um lugar comum que nos ajudasse, que nos socorresse. Dizer, por exemplo, que assim é a guerra, cruel como todas as outras, que nela não existem santos e demônios, que a guerra nos transforma a todos em anjos das trevas.

Dito isto, seria melhor dizer que o terror feito pelo Estado de Israel apenas é uma resposta ao terror sofrido antes por sua gente. Dito isto, podemos afinal dizer que o mal e o mau têm que ser destruídos, para que só então a paz volte. Mas, ao chegarmos a este passo, perguntamos: mas de que mal e maus vocês falam, caraspálicas? Pois será que ninguém ainda notou que a nossa cara tem a cara e o sangue da gente palestina? Que eles, os palestinos, são a nossa própria cara? Será que ninguém ainda percebeu que o desespero

dos povos palestinos é o nosso próprio desespero em outras terras e em outras circunstâncias? Aquele mesmo desespero que acomete a gente em situações-limite? Ainda que os Estados Unidos exibam ao mundo um negro para consumo externo, ele apenas nos aparece como um novo Al Jolson, com a cara pintada. Os interesses de que ela fala não são os nossos. Servem à mesma rosa atômica que se fez cair em Hiroshima e Nagasaki.

Então voltemos, mais serenos. Mas, desgraça, descobrimos: serenos, não temos mais mãos. Temos somente uma grande letargia. Então quebreemos o torpor, voltemos ao princípio.

"A rosa hereditária, a rosa radioativa, estúpida e inválida. A rosa com cirrose, a anti-rosa atômica" sofreu uma tradução no campo de refugiados da faixa de Gaza. Ela se fez uma rosa fuzilada, a Rosa da Palestina, no corpinho frágil de Somaeah Hassan. Essa menina nos fere como uma filhinha morta. Ela, em árabe, em dialeto, em outra língua, nos fala e a compreendemos como compreendemos e amamos uma própria filha que o nosso sêmen esculpiu. Mais: como um

continua na próxima página

continuação da
página anterior

serzinho esculpido por nós por um nosso irmão. Mais: irmão com um sentido de irmão mais fundo que o genético. Mais: com um sentido de irmão mais fundo que o racial. Mais: com um sentido de irmão mais fundo que o nacional. Mais, finalmente: com um sentido de irmão que é o próprio sentido de humanidade. Hassan é a nossa própria humanidade abatida. Ela se abre em outras rosas que se despedaçam em Jerusalém. Rosas que em vez de pétalas jogam carnes, fígado, coração e intestinos.

Já secamos as lágrimas. Não nos perguntem, portanto, por que vomitamos. Nós não queríamos ter essas Rosas da Palestina.

Urariano Mota é natural de Água Fria, subúrbio da zona norte do Recife. Escritor e jornalista, publicou contos em Movimento, Opinião, Escrita, Ficção e outros periódicos de oposição à ditadura. É colunista do Vermelho.

A matéria acima foi publicada originalmente em ogdaboitempo.com.br/2014/08/19/a-bomba-de-hiroshima-em-gaza/

Nesta sessão, apresentamos pequenos textos críticos acerca das várias dimensões da vida humana. Se você tiver contribuições (no máximo 5.000 caracteres com espaços), mande ver.

Carta do professor Rinaldo Arruda

Caros amigos e colegas,
Escrevo para anunciar que fui desligado do quadro de professores da PUC-SP desde o dia 29/8/2014.

Cansei de negociar contrato a cada semestre, procurar orientandos e alunos para viabilizar cursos e contratos, disputar um lugar ao sol numa universidade que (a meu ver) vai se sombreando cada vez mais, desde pelo menos o ano de 2006, com a malfadada maximização e tudo o mais que vem se seguindo. Discordo muito do modelo de universidade que vai se implantando, de cujo "estilo" um exemplo claro é a nova política de pesquisa que nos acena com um "dinheirinho" a mais se nosso trabalho científico é publicado numa revista qualis B ou A, sem me alongar em apontar muitos outros exemplos possíveis, presentes no nosso cotidiano.

Por fim, o mais importante, acho que está na hora mesmo de abrir espaços para

novas gerações, novas cabeças que, quem sabe, poderão renovar esse espaço de trabalho. Depois de 38 anos de trabalho na PUC, quero reter comigo os sonhos realizados, as lutas que empreendemos juntos e que tão bons resultados trouxeram para gerações de estudantes que passaram por nós.

Agradeço o privilégio de ter compartilhado essa jornada com todos os que me conheceram, agradeço o companheirismo e a amizade de todos ao longo destes anos, as trocas de ideias, as realizações e os sonhos que tornamos realidade.

Nesse início de semestre, depois de muito pensar, achei que estava na hora de seguir novamente meus sonhos, procurar outros lugares de realização e me neguei a aceitar a redução, mais uma vez, de meu contrato de trabalho.

Deixo um forte abraço para todos e estou por aí! Continuarei disponível para

atividades acadêmicas e outras, aberto à continuidade de nossa amizade e colaboração.

Abraços a todos.

Rinaldo Arruda, professor da Fac. de Ciências Sociais

A APROPUC solidariza-se com o professor Rinaldo. Durante 38 anos Rinaldo dedicou-se com empenho para que gerações de estudantes ocupassem condignamente um lugar no mercado de trabalho ou seguissem suas brilhantes carreiras acadêmicas. Sempre participante das lutas por melhores condições de ensino que durante décadas os docentes da PUC-SP vêm travando, seu desligamento não é um fato isolado, mas fruto de um processo de sucateamento que esta universidade vem passando, chegando ao limite de perder os seus principais docentes que aqui não encontram mais lugar para suas atividades.

Nicolau

tura como Missão", "A revolta da vacina" e, mais tarde, também "Orfeu extático na metrópole".

Estudava à noite na USP e recordo das aulas brilhantes do Nicolau: sempre muito lotadas e avançando o horário de término sem que um único estudante arredasse pé, apesar de muitos terem que combinar carona para conseguirem sair da cidade universitária em tempo de pegar o último ônibus para casa. A exuberância in-

telectual, pontuada por Wisnik, realizava um encontro perfeito com a simplicidade e a generosidade do mestre; nele não havia traço de erudição de cátedra, mas saber encarnado, sereno, germinativo. Sua morte é uma tristeza proporcional à falta que fará para nos ajudar a pensar e entender o Brasil.

Luiz Augusto de Paula Souza (Tuto) é professor titular da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

MOVIMENTOS SOCIAIS

Movimento de greve na USP cresce e alcança conquistas

Na quarta-feira, 3/9, uma reunião com o Fórum das Seis foi realizada e o Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas (Cruesp) apresentou a mesma proposta aprovada no Conselho Universitário da USP, na terça-feira: o reajuste salarial de docentes e servidores em cerca de 5,2% em duas vezes (a primeira parcela em outubro e a segunda em janeiro). Devido à pressão exercida pelas categorias grevistas, o Cruesp propôs que as parcelas sejam fixadas em setembro e dezembro, visto que a implantação do pagamento somente em janeiro não foi

bem recebida por funcionários e professores. Porém, a proposta apresentada não basta, já que não repõe a inflação e não respeita a data base.

Foi realizada também uma audiência de conciliação entre a Reitoria e o Sindicato dos Trabalhadores da USP (Sintusp) na quinta-feira, 4/9, no Tribunal Regional do Trabalho (TRT). Uma nova proposta para dar fim à greve foi colocada como pauta: além de manter o ajuste de 5,2% que o Cruesp apresentou, o TRT sugeriu um abono de 20,60% para compensar o pagamento de maio, que não foi feito na data base.

O acordo será discutido em assembleia dos trabalhadores e uma nova audiência foi marcada para a quarta-feira, 10/9.

A greve da USP completou mais de 100 dias e as mobilizações das três categorias permanecem intensas: o ato público "SOS USP em defesa da Universidade pública" foi realizado na terça-feira, 2/9, na própria instituição, e foi organizado pela Associação de Docentes da USP (Adusp). O evento foi marcado por apresentações teatrais, declarações de solidariedade à greve e shows, dentre eles de Tom Zé.

Ato no Masp pede demarcação imediata das terras tupinambás

No domingo, 7/9, houve um ato em solidariedade ao povo tupinambá no vão do Masp.

A concentração ocorreu às 15h e uma aula pública com o professor Case Angatu e com a Comitativa Tupinambá foi realizada.

O ato resgatou a memória do povo tupinambá, reivindicando a demarcação imediata de suas terras.

Localizada ao sul da Bahia, a Terra Indígena Tupinambá de Olivença está há mais de 10 anos sem conclusão dos procedimentos de demarcação.

Maioria do Conselho Estadual de Educação amplia ligação com setor privado

O governador do estado de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB), indicou, em 26/08, oito nomes para compor o Conselho Estadual de Educação (CEE). Mesmo com a alteração de um terço dos membros do CEE, quase nada mudou, pois a maioria dos candidatos já era conselheiro, titular ou suplente. Além disso, dos oito nomeados, seis têm ligação com os dirigentes do setor privado de ensino. Em 3/9, os novos conselheiros assumiram o mandato de três anos.

A escolha dos integrantes do CEE é feita pelo governador do estado, de

acordo com a lei estadual 10043, criada em 1971, durante a ditadura militar. No começo de 2012, um projeto de lei (PL) que tinha como objetivo reorganizar a indicação para o cargo de conselheiro do CEE, a fim de tornar a composição dos membros democrática, foi levado à Assembleia Legislativa.

Porém, o PL não foi votado em plenário e ainda está à espera da votação final. De acordo com o projeto, 18 conselheiros seriam nomeados dentre representantes da comunidade, eleitos por entidades estaduais; e o Conselho passaria a contar com 26 integrantes.

Associação Internacional dos Trabalhadores comemora 150 anos

O final de outubro será marcado pelo Encontro internacional, da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), que tem como finalidade avaliar o legado dessa organização trabalhista, traçando um paralelo com a atualidade. O ciclo de conferências da AIT, organização que completa 150 anos de existência, abrange temas como: a associação na história e seu legado; internacionalismo na era da "mundialização"; resistências à exploração e à opressão no espaço do trabalho; o diálogo entre as divisões da esquerda; a luta de classes em nossos tempos; a crítica à destruição da natureza em escala mundial pela lógica

destrutiva do capital; as alternativas de superação do capitalismo, entre outros. O Encontro abordará tais assuntos com base em diferentes perspectivas de acadêmicos e militantes. A pré-abertura do evento da AIT, que foi a primeira organização internacional do movimento dos trabalhadores, será de 23 a 25/10 em Porto Alegre. E o ciclo de conferências ocorre de 29 a 30/10 em Campinas, 30 a 31 em São Paulo, dia 31 na Bahia e no dia 3 no Rio de Janeiro. Para maiores detalhes sobre a programação, é só entrar no site da Associação: <http://ait150anos.wix.com/ait150anos>.

ROLA NA RAMPA

AFAPUC marca assembleia para discutir quinquênios

Na terça-feira, 16/9, a AFAPUC realizará uma assembleia em local e hora a serem confirmados, para discutir o pagamento dos valores referentes aos quinquênios daqueles funcionários que adquiriram na justiça o direito a estes valores. A AFAPUC saiu vitoriosa no processo movido contra a PUC-SP para pagamento dos quinquênios denunciados pela instituição em 2006. Porém até agora o processo

encontra-se na fase de cálculos. A AFAPUC tem procurado agendar uma reunião com o departamento jurídico do SAA-ESP, que não aconteceu até agora em virtude da dificuldade de agenda dos representantes do sindicato. Porém, esta reunião deverá acontecer ainda esta semana, para que os funcionários tenham uma posição sobre o pagamento daquilo que lhes é devido.

Prossegue exposição sobre quadrinhos na biblioteca

Até o dia 3/10 acontece na PUC-SP uma exposição sobre história em quadrinhos, além de debates e encontros com autores, em parceria da PUC com a Associação dos Cartunistas do Brasil e do Instituto Memorial das Artes Gráficas do Brasil, coordenada

por Edilaine Correa pesquisadora em artes gráficas da PUC. O evento é realizado pela Pró-Reitoria de Cultura e Relações Comunitárias PUC-SP, pela Associação dos Cartunistas do Brasil e IMAG - Memorial das Artes Gráficas do Brasil. Veja abaixo eventos desta semana.

Encontro e autógrafos com autores de quadrinhos

09/09 às 19h00 Benson Chin, Breno Ferreira, Leandro Luigi del Manto e Thiago A.M.S

11/09 às 19h00 Fernando Gonsales

Auditório Paulo VI - Anexo à Biblioteca

Encontro discute convergências entre Jornalismo e Direito

Nos dias 3 e 4/9 aconteceram três debates que analisaram as fronteiras entre Jornalismo e Direito. Organizado pelos Departamentos de Jornalismo e Teoria Geral do Direito, o encontro reuniu na quarta-feira pela manhã os professores Ana Paula Filippo, Roberto Maia, Vidal Serrano e Valdir Mengardo. O encontro explorou o contexto histórico em que a legislação sobre jornalismo é aplicada, discutindo a aplicação da lei a casos específicos, bem como a análise de períodos onde o arbítrio substituiu a lei.

No mesmo dia, à noite, foi a

vez dos professores Álvaro de Azevedo Gonzaga, Hamilton Octávio de Souza, João Paulo Charleux e Roberto Senise, que se debruçaram sobre o acesso à informação e como a ausência de leis pode favorecer ou não os grupos privilegiados da sociedade.

No último encontro, na quinta-feira, foi a vez dos professores Clério Costa Celso Fernandes Campilongo, Marcos Cripa, Maria Garcia e Wladyr Nader, que abordaram a liberdade de expressão e seus limites, bem como a mesma liberdade de expressão vem se desenvolvendo nos movimentos sociais.

CARI organiza Semana de Relações Internacionais

O Centro Acadêmico de Relações Internacionais "Barão do Rio Branco", organiza entre os dias 8/9 e 12/9 a Semana de Relações Internacionais. Com debates sobre atualidades como Tráfico de Pessoas no Brasil e Cem anos da Primeira Guerra Mundial, além da exposição "Deslocamentos", de Marie Ange Bordas e outras atividades. O evento se desdobrará entre os auditórios 117, no prédio novo e o

Museu da Cultura no Prédio Velho. Não há necessidade de inscrição prévia para o evento e serão disponibilizados certificados de 20 horas para aqueles que comparecerem a 3 ou mais atividades da programação. A programação completa está disponível no site caribarao.org ou no Facebook "Cari Barão do Rio Branco". Contato para mais informações: caribarao@gmail.com

Esclarecimento ao PUCViva

A Reitoria gostaria de esclarecer dois pontos do texto "Consun aprova relatório parcial da Comissão da Verdade" (*PUCViva* nº 920, 1/9/2014), referentes à discussão sobre o texto do Conselho Universitário quanto ao conflito na Faixa de Gaza:

1) Diferente do que foi publicado, a versão alternativa do professor Carlos Hussek, membro da comissão designada para escrever a carta em nome do colegiado, chegou à presidência do Consun no dia 26/8,

portanto na véspera da reunião ordinária de agosto (realizada dia 27/8).

2) Também não é correto dizer que a pauta foi transferida para a próxima sessão do colegiado. A decisão da presidência do Consun foi enviar as duas cartas aos membros da comissão, solicitando que eles se reunissem para discutir o assunto e pudessem assim definir uma versão consensual do texto.

A Reitoria



VICTORIA AZEVEDO



Acima os participantes do 1º do evento encontro que discutiu Direitos da personalidade; abaixo o debate sobre Direito na sociedade de informação.